

Dos arquivos à leitura: a edição crítica dos *Cahiers* de Paul Valéry

Júlio Castañon Guimarães

A biografia de Paul Valéry escrita por Michel Jarrety (*Paul Valéry*. Paris: Fayard, 2008) chama a atenção pela sua extensão – em formato 24 por 15 cm, o livro, com mancha cerrada e apenas estreitas margens, tem 1.212 páginas de texto e mais 150 de notas e índices. Afora a extensão, talvez o que mais chame a atenção nesse trabalho de grande minúcia factual seja a imagem que ele deixa no leitor de um Valéry constantemente disperso entre questões familiares, aventuras amorosas, acontecimentos sociais, dificuldades financeiras, múltiplas pequenas atividades para sobrevivência. Quase se poderia indagar como era possível a realização da obra. Ao resenhar a biografia, Paul Gifford (“The ultimate French intellectual?”, *Times Literary Supplement*, 11 de março de 2009) lamenta, num outro sentido, a pequena exploração que nela se faz das relações entre o homem e sua obra criativa, de modo que a justificativa da biografia é mesmo a vida e não a realização de determinadas obras, por mais importantes que sejam para a literatura do século XX. Por outro lado, salienta o paradoxo que é a simples existência de uma biografia de Valéry, na medida em que este representa o oposto de qualquer tipo de crítica baseada em alguma associação entre homem e obra – e nessa perspectiva, não deixa, porém, de referir que Jarrety aponta claramente a efetiva relação da

VALÉRY, Paul. *Cahiers*. 1894-1914. Vol. I. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la co-responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Judith Robinson-Valéry. Paris: Gallimard, 1987. 490 p. — Vol. II. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la co-responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Judith Robinson-Valéry. [Préface de] Yvon Belaval. Paris: Gallimard, 1988. 380 p. — Vol. III. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la co-responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Judith Robinson-Valéry. Préface de Jean Starobinski. Paris: Gallimard, 1990. 668 p. — Vol. IV. 1900-1901. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri. Préface de Jean Bernard. Paris: Gallimard, 1992. 492 p. — Vol. V. 1902-1903. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri. Paris: Gallimard, 1994. 488 p. — Vol. VI. 1903-1904. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri. Paris: Gallimard, 1997. 302 p. — Vol. VII. 1904-1905. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Robert Pickering. Paris: Gallimard, 1999. 568 p. — Vol. VIII. 1905-1907. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Robert Pickering. Paris: Gallimard, 2001. 514 p. — Vol. IX. 1907-1909. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Robert Pickering. Paris: Gallimard, 2003. 318 p. — Vol. X. 1910-1911. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Robert Pickering. Paris: Gallimard, 2006. 522 p. — Vol. XI. 1911-1912. Édition intégrale établie, présentée et annotée sous la responsabilité de Nicole Celeyrette-Pietri et Robert Pickering. Préface de Jean-Michel Rey. Paris: Gallimard, 2009. 426 p.

crítica formalista com seu biografado. Paul Gifford considera ainda que, no entanto, não há no trabalho contradição, mas apenas uma negociação não muito bem feita de pontos de vista.

O fato é que em meio às maiores ou menores conturbações do cotidiano, aparece na biografia – muitas vezes quase como incidentes desse cotidiano, o que se deve sem dúvida à maneira como é apresentada em meio ao acúmulo factual – uma produção intelectual muitas vezes postergada ou produzida em função de compromissos de ocasião. No entanto, é também em meio a tudo isso que aparece a regularidade da escrita matinal dos cadernos, quando ao longo de décadas Valéry acumulou milhares de páginas de anotações – e que constituíam, salvo situações de exceção, sua atividade habitual nas primeiras horas do dia –, uma monumental obra em permanente andamento, pois sem perspectiva de término. As dimensões desse trabalho, tanto em extensão quanto em termos da importância que seu autor lhe atribuía, podem ser avaliadas por alguns episódios relatados pela biografia. Em junho de 1918, temendo o avanço alemão sobre Paris, Valéry deixa a cidade, para se instalar na Normandia, levando consigo uma mala de ferro em que estavam os cadernos, a propósito do que assim se expressou:

Está aqui o trabalho de meus melhores anos. Digo: o trabalho, e não a obra. A obra aí está em potência, mas só meu olho pode descobri-la aí. Não passa de um caos de matéria. Se eu perdesse esse pequeno estoque, nunca o reconstituiria, pois representa milhares de momentos, dos quais algumas centenas favoráveis. [...] Relendo aqui e ali trechos, vi que seria para mim uma perda irreparável.

De novo, em 1940, o volume então muito maior dos cadernos é posto em um grande saco com fecho e guardado num cofre de banco, quando, como milhares de parisienses, Valéry e sua família deixam a cidade, indo instalar-se na Bretanha.

Em torno desse trabalho de Valéry – tomou o nome do suporte frequentemente utilizado, *Cahiers* (cadernos), embora o suporte tivesse se tornado variado, com o uso de cadernetas, blocos, folhas soltas – já se desenvolveram não só numerosos estudos críticos como também um minucioso e vasto trabalho de edição. Seria possível dizer, num outro plano, que os *Cahiers* adquiriram até mesmo uma dimensão legendaria. O conjunto de quase trinta mil páginas manuscritas foi doado, anos após a morte do autor, em 1973, à Biblioteca Nacional da França; antes, ainda na década de 1940, fora microfilmado, ficando três cópias na França e uma quarta cópia nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard.

Por fim, em 1957 começa a ser publicada pelo CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) uma edição fac-similar do conjunto, em 29 grandes volumes, com quase mil páginas cada um, tendo a publicação se completado em 1961. Essa edição fac-similar, se tem o mérito da clareza obtida na reprodução dos manuscritos, não deixa de ter problemas. Os especialistas apontam, como os mais graves, erros de cronologia na ordenação dos manuscritos e na disposição do texto nas páginas. Os limites destas são ignorados, havendo aproximação ocasional de textos que no manuscrito são distanciados, fragmentação de sequências e deslocamento de passagens; além do mais, houve um procedimento de limpeza, responsável pela clareza já referida, mas que, por outro lado, apagou certas rasuras, reestabelecendo assim palavras riscadas. Ocorre ainda que a edição não tem qualquer tipo de nota, nem qualquer índice. Assim, é verdade que, ao lado de sua importância como documento, a edição permite um tipo de acesso aos manuscritos, mas esse acesso está delimitado (e às vezes prejudicado) pelo próprio trabalho editorial. Sem qualquer indicação de leitura, este acaba sendo um exemplo de problemas que uma edição fac-similar pode apresentar, em contraposição a uma hipotética condição em que ela seria a solução entre diferentes possibilidades de edições. Assim, evidentemente a própria verificação de que há problemas na reprodução dos manuscritos só pode ser feita a partir da consulta direta aos manus-

critos, sobretudo porque os problemas envolvem não apenas o texto propriamente dito, mas principalmente os elementos materiais dos manuscritos.

Em 1973 e 1974, saem os dois volumes de uma edição dos *Cahiers* na coleção Pléiade – trata-se de uma seleção, de uma antologia organizada por temas, a partir de uma proposição temática do próprio Valéry, mas que apresenta apenas uma pequena parcela do conjunto, cerca de um décimo. O mérito dessa edição está em ser a primeira transcrição tipográfica de maior envergadura, e que vem permitindo o acesso mais viável à obra. Com cerca de 3.000 páginas, conta com um aparato extremamente valioso para o leitor se situar. De qualquer modo, não permite que se tenha sequer ideia do que seja a forma de produção do conjunto, com seus elementos extra-textuais, e das múltiplas e intrincadas possibilidades de suas relações internas.

O próprio Valéry havia algumas vezes planejado uma organização do material, e houve diferentes tentativas de organização, com auxílio de outras pessoas, mas nunca se chegou a bom termo. Algumas vezes foi extraído dos manuscritos material para publicação, como o volume intitulado *Cahier B 1910* (numa reprodução fac-similar em 1924 e numa edição tipográfica em 1930). Posteriormente, foram também organizados volumes com seleções de um determinado tipo de texto; assim, surgiram os volumes *Ego scriptor et Petits poèmes abstraits* (Paris: Gallimard, 1992. Edição de Judith Robinson-Valéry) e *Poésie perdue. Les poèmes en prose des Cahiers* (Paris: Gallimard, 2000. Edição de Michel Jarrety).

O terceiro empreendimento mais amplo de edição dos *Cahiers* já completou 20 anos de trabalho e publicou 11 dos 12 volumes previstos. Trata-se de uma edição crítica e genética que abarcará uma parte dos *Cahiers* – do início (1894) até 1914, ou seja, cerca de vinte anos de trabalho de Valéry. A data de 1914 é justificada por alguns aspectos da própria produção do autor, que nessa época começa a se ocupar de seu poema *La jeune Parque*, depois de ter estado por todo esse período afastado da poesia, sendo também possível relacionar

essa época dos *Cahiers* com o poema. A edição é de responsabilidade de uma equipe de pesquisa ligada ao Item (Institut des Textes et Manuscrits Modernes – laboratório do CNRS). É preciso salientar que o trabalho de edição, ao lado de atividades que lhe são próprias, vem sendo acompanhado por várias outras atividades e por uma produção simultânea de grande importância. Na verdade, o entrelaçamento entre pelo menos parte dessa produção simultânea e a edição mostra também como o trabalho de edição solicita muito mais do que apenas a aplicação prática de alguns procedimentos, ao mesmo tempo que pode servir como fator que impulse outros trabalhos. A equipe realiza todo ano seminários mensais em que se trata tanto do trabalho de edição quanto se apresenta estudos críticos sobre a obra de Valéry.

Ao longo do período de elaboração da edição, foram publicados por membros da equipe algumas dezenas de livros e artigos dedicados a Valéry. Dessas publicações, interessa de modo especial aqui um pequeno volume, *Les Cahiers 1894-1914 de Paul Valéry en édition intégrale – Historique, enjeux, avenir. Études rassemblées par Michèle Aquien et Robert Pickering*. (Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005). Trata-se de um volume que aborda questões associadas à edição dos *Cahiers*. Nos artigos reunidos, são de especial interesse o de Nicole Celeyrette-Pietri, “L’édition intégrale des *Cahiers*”, e o de Robert Pickering, “La réception critique des *Cahiers 1894-1914* de Paul Valéry”.

O primeiro realiza uma ampla exposição sobre o trabalho da edição, tanto no sentido de fazer um histórico dele, incluindo um histórico do próprio manuscrito, quanto no sentido de apresentar algumas linhas gerais da edição. Além disso, o artigo expõe, naturalmente de modo sumário, o que vem a ser o conteúdo dos *Cahiers* e como estes se constituem enquanto escrita e enquanto sistema. Sobretudo, porém, possibilita que se tenha uma ideia do problema que constitui um projeto de edição do material. O segundo artigo ocupa-se da repercussão da edição, inclusive internacional, tanto entre especialistas como entre não especialistas. Se há um reconhecimento

unânime da importância do trabalho, surgem também algumas discussões de caráter conceitual, por assim dizer, referentes à eficácia de certos procedimentos de edição para dar conta das efetivas possibilidades de leitura apresentadas pelos manuscritos. Argumenta-se que a edição em causa, com todos os seus constituintes, tornou-se hoje a melhor forma para se aproximar do universo dos *Cahiers*. Uma possível edição exclusivamente genética, um hipertexto eletrônico, seria não mais que uma hipótese sem condições práticas de efetivação. Assim, se há uma bibliografia sobre os *Cahiers*, há também uma bibliografia sobre a edição dos *Cahiers*.

O objeto desta resenha é especificamente a edição crítica – o que é preciso ser sublinhado –, mas naturalmente a dimensão desta tem a ver com a importância dos próprios *Cahiers*, importância que em termos gerais é sempre reafirmada, como quando Judith Robinson-Valéry e Nicole Celeyrette-Pietri, no texto introdutório do primeiro volume da edição, dizem que “na história da literatura e do pensamento franceses, e mesmo europeus, os *Cahiers* de Valéry são uma obra sem qualquer equivalência”. É afirmada também no contexto da produção de Valéry, como quando as mesmas autoras dizem que eles tinham “a seus olhos uma importância primordial, ultrapassando em muito aquela, muito mais restrita e inteiramente relativa, que ele atribuía a suas obras publicadas em prosa e em verso, inclusive as mais célebres”. No entanto, em que consistem esses *Cahiers*? Em primeiro lugar, não têm absolutamente nada a ver com qualquer forma de diário; não se trata de uma sucessão de anotações do dia a dia, como poderia levar a pensar a constância quotidiana com que se foram formando; praticamente não há anotações de natureza pessoal, no sentido de comentários sobre fatos, pessoas, atividades. De modo sumário são ainda as duas autoras há pouco referidas que dão uma ideia do que sejam os *Cahiers*:

[...] apesar da enorme diversidade aparente de seus temas, pode-se dizer, simplificando apenas um pouco, que os *Cahiers* são na realidade apenas uma longa pesquisa, ao mesmo tempo pura e aplicada, em torno de um único tema

central de onde tudo parte e para onde tudo converge: o das leis e dos mecanismos estruturais do funcionamento mental.

Nesse sentido, chama a atenção o fato de ele ter frequentemente recorrido a modelos matemáticos e físicos, bem como fisiológicos e biológicos. Na extrema complexidade que acabou adquirindo o trabalho, havia a ambição de um “Sistema”, em que se pensaria o pensamento. No todo, porém, boa parte da reflexão gira em torno da linguagem literária, e nem tudo é exclusivamente abstração. Espadadamente surgem poemas em versos e poemas em prosa, outra forma de seu “diálogo ininterrupto com a linguagem”, como observam as autoras citadas.

Antes ainda de chegar a alguns detalhes da edição de que aqui se trata, é preciso pelo menos lembrar a forma dessa massa de textos. Segundo ainda as mesmas duas autoras, trata-se de obra “consciente e voluntariamente aberta e como que intrinsecamente inacabada”; no entanto, os *Cahiers* “não carecem, nem por isso, como vimos, de estrutura interna”. Elas salientam que qualquer que seja a maneira de se aproximar desse material, dessas anotações, “todas podem ser consideradas *ao mesmo tempo* como fragmentárias e isoladas umas das outras e como formando, em si, estruturas virtuais diferentes, mil conjuntos diferentes, todos virtualmente coerentes e ordenados ainda que constantemente em movimento”. O desenvolvimento da escrita, a que o próprio Valéry sobrepôs reescritas e organizações, dá ideia dessas possibilidades.

Para compreender a edição aqui comentada, é necessário atentar para a maneira como ela se situa em relação aos *Cahiers*, no sentido de dá-los a conhecer, e, conseqüentemente, para os critérios adotados em sua elaboração. A sua efetivação envolve, como não poderia deixar de ser, as condições editoriais e de pesquisa, com a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de longo prazo por uma equipe constituída para tal. O conjunto do trabalho – ou seja, os 12 volumes previstos – corresponde a apenas pouco mais de

quatro volumes da edição em 29 volumes do CNRS, o que dá ideia da massa de material. O primeiro volume saiu em 1987, estando prevista para 2010 a publicação do último, o 12º, após, portanto, 23 anos. Os primeiros volumes saíram sob a direção conjunta de Nicole Celeyrette-Pietri e Judith Robinson-Valéry; em seguida, houve alguns sob a responsabilidade apenas da primeira; e os mais recentes vêm saindo ainda sob seus cuidados em colaboração com Robert Pickering. Todos os volumes contam com a colaboração de uma equipe, que também variou ao longo do tempo – em torno de uma dúzia de pesquisadores de diferentes instituições de pesquisa, não só da França, mas também da Suíça, Itália, Alemanha, Inglaterra, Japão. Ao longo do tempo, houve também algumas alterações nos critérios editoriais, resultantes da prática da edição e de avanços nas pesquisas relacionadas tanto diretamente com a edição quanto com a obra do autor.

Todos os volumes têm prefácio dos responsáveis, algumas vezes posfácio, um aparato alentado e minucioso de notas, e um índice de nomes próprios. Alguns têm prefácio de autoria de críticos convidados – Jean-Michel Rey, Yvon Belaval, Jean Starobinski. A cada três volumes, tem-se um índice analítico. A edição ainda identifica os muitos cálculos e figuras matemáticas presentes nos manuscritos; reproduz ou descreve os também muitos desenhos. Os vários fac-símiles encontrados em cada volume permitem que se tenha uma ideia de como são os manuscritos de que a edição tipográfica resulta. Nas notas e anexos são transcritos ainda muitos textos inéditos de outra origem, material de natureza conexas com os *Cahiers*, o que tem importância similar à indicação feita sobre as relações entre os *Cahiers* e as obras que Valéry redigia ao mesmo tempo. Há também uma tábua de correspondência com a publicação fac-similar do CNRS e uma tábua de correspondência entre cadernos. Entre os muitos detalhes técnicos, por assim dizer, da apresentação do texto de Valéry, vale a pena referir alguns, a título de exemplo: o final de cada fragmento é indicado por uma estrela; o fim da página do manuscrito é indicado por um traço; há indicações para as páginas

da esquerda (G) e da direita (D); as páginas em branco são indicadas por dois traços (=), os pontos azuis e vermelhos, de uma pré-classificação do próprio Valéry, são indicados na edição tipográfica por um círculo vazio ou por um círculo cheio, aparecendo os dois sinais quando os pontos são superpostos ou estão lado a lado; há sinais especiais para as notas referentes aos desenhos; sinais para indicar rasuras, traços nas margens, acréscimos. Em suma, todos esses elementos – expostos aqui sem dúvida de forma aleatória – são sem dúvida instrumentos indispensáveis para a leitura, permitindo que esta se faça de variadas formas, seguindo-se esses “guias” no emaranhado dos livros, pelas “estruturas virtuais” já mencionadas.

Um aspecto relevante na realização da edição é a difícil tarefa de datar os manuscritos, de modo a que se pudesse definir a apresentação tipográfica, pois esta procura recuperar a disposição primitiva do texto de Valéry na página. Ocorre que, além de cadernos, foram usados alguns outros suportes, entre os quais sobretudo um número enorme de folhas soltas. Não há um desenvolvimento linear ao longo do tempo, e há cadernos concomitantes, ao mesmo tempo que há retomada de cadernos anteriores. A edição, assim, teve de tomar decisões quanto à sequência a ser apresentada, sequência que por outro lado procurou respeitar tanto a inserção das folhas soltas quanto os brancos existentes no correr do texto. As folhas soltas, que chegam aos milhares, são uma das grandes dificuldades do trabalho, mas ao mesmo tempo talvez sejam um de seus elementos mais instigadores. No posfácio ao volume 9, fala-se delas como “páginas de pesquisa com acréscimos e rasuras que se parecem imediatamente com os cadernos-registro”. Para além, porém, dessa descrição, é possível um entendimento do estatuto dessas folhas que tem a ver com a maneira de encarar o conjunto dos *Cahiers*, conforme se lê nesse mesmo posfácio: “Mas é evidente que o canteiro de trabalho das folhas soltas, com as diversas possibilidades de organização que ele comporta, mostra ao mesmo tempo o desejo de uma obra potencial e a tentação de um inacabamento fecundo”. A edição teve assim

de enfrentar a situação de, num trabalho delimitado por noções e critérios, dar a ler justamente esse “canteiro de trabalho”.

Constituindo-se como um novo arquivo, essa edição é reveladora de uma obra que pressupõe em sua própria constituição, virtualmente, o próprio trabalho de edição. (Em língua portuguesa, vem à lembrança a obra de Pessoa, em especial o *Livro do desassossego*.) Resultado da preservação de um patrimônio inestimável da cultura do século XX e de sua pesquisa, a edição crítica dos *Cahiers* resulta num trabalho de excepcional importância, não apenas no sentido de tornar disponível um texto. Ela é importante para várias áreas de conhecimento e atividades que acabam por se entrelaçar no próprio universo dos *Cahiers*, pois diz respeito a questões relativas à edição crítica, à crítica genética, ao conhecimento da obra de Valéry e aos estudos literários de modo geral.